

Como Israel Roubou Seu Arsenal Nuclear e Como os EUA Ajudaram a Encobrir

A ascensão de Israel como um estado com armas nucleares não foi um triunfo da inovação científica, mas um ato de roubo calculado — especificamente, o desvio de 100–300 kg de urânio altamente enriquecido de grau militar (HEU) dos Estados Unidos na década de 1960. O caso NUMEC é conhecido como o mais grave caso de roubo nuclear da história. Assim como o ataque de 1967 ao **USS Liberty**, onde evidências claras apontavam para o ataque deliberado de Israel a um navio espião americano, o roubo de material nuclear americano foi enterrado sob camadas de negação estratégica, pressão política e imunidade diplomática.

Este ensaio revela como Israel roubou o urânio que alimentou seu arsenal nuclear, como contrabandeou o material sem ser detectado e como continua a mentir sobre seu status nuclear — possibilitado pela cumplicidade dos EUA e por uma doutrina de política externa que prioriza o silêncio acima da responsabilidade.

O Caso NUMEC: O Urânio da América, a Bomba de Israel

O caso da **Nuclear Materials and Equipment Corporation (NUMEC)** em Apollo, Pensilvânia, tem sido citado há muito tempo como a origem do programa de armas nucleares de Israel. Entre 1957 e meados da década de 1970, entre 200 e 600 libras (90–270 kg) de HEU desapareceram da instalação. O presidente da NUMEC, **Zalman Shapiro**, mantinha laços estreitos com a inteligência israelense. Em 1968, agentes israelenses, incluindo **Rafi Eitan** — mais tarde conhecido por gerenciar a operação de espionagem de Jonathan Pollard — visitaram a NUMEC. Eitan, então armado com conhecimento sobre o design de armas nucleares americanas, estava em uma posição perfeita para coordenar a transferência do urânio.

Avaliações desclassificadas da CIA e um relatório da GAO de 2010 confirmaram o desaparecimento do material, sugerindo fortemente que ele acabou no reator **Dimona** de Israel, onde deu início ao programa de armas do país. Em 1967, Israel já possuía pelo menos duas armas nucleares entregáveis, usadas para deter a intervenção árabe durante a Guerra dos Seis Dias. Nada disso seria possível sem o urânio americano — roubado à vista de todos.

Contrabando de Urânio: A Física de um Crime Perfeito

Contrabandear HEU nas décadas de 1960 e 1970 era muito mais fácil do que a maioria das pessoas imagina. O urânio-235 emite níveis muito baixos de radiação gama devido à sua longa meia-vida (~704 milhões de anos). Uma amostra de 20 kg de HEU, se transportada

como dióxido de urânio (UO₂), produz cerca de **1,49 × 10⁷ Bq** de atividade gama — insignificante em comparação com a radiação de fundo quando devidamente blindada.

Usando as leis de atenuação exponencial:

- **$I/I_0 = e^{(-\mu x)}$** com $\mu \approx 1,64 \text{ cm}^{-1}$ e $x = 18,2 \text{ cm}$ resulta em um fator de atenuação de $\sim 10^{-13}$.
- Isso reduz $1,49 \times 10^7 \text{ Bq}$ para **~1,49 Bq efetivo**.
- A 10 cm, a taxa de dose de radiação é de $\sim 0,00001 \text{ } \mu\text{Sv/h}$ — apenas **3,65% da dose de fundo natural** ($\sim 0,000274 \text{ mSv/h}$).

Em outras palavras, um mensageiro poderia voar de Nova York para Tel Aviv com 20 kg em uma mala e nunca acionar um alarme — especialmente em uma era sem **detectores de radiação** e com pouca fiscalização de cargas. Remessas marítimas ou malas diplomáticas seriam ainda menos detectáveis. Múltiplos pequenos carregamentos poderiam facilmente transportar toda a quantidade roubada ao longo de meses.

Ambiguidade Deliberada: Uma Política de Engano

Israel nunca admitiu possuir armas nucleares, aderindo, em vez disso, a uma política de “**ambiguidade deliberada**”. Isso não é opacidade estratégica; é evasão calculada.

A **Emenda Symington** (22 U.S.C. § 2799aa-1) proíbe ajuda externa dos EUA a qualquer país que trafique tecnologia de armas nucleares fora do Tratado de Não Proliferação (TNP). Israel não é signatário. Em teoria, isso deveria torná-lo inelegível para assistência militar dos EUA. Na prática, Israel recebe **US\$ 3,8 bilhões anualmente** em ajuda americana — com o requisito legal contornado por sucessivas isenções presidenciais com base em “segurança nacional”.

Assim como o governo dos EUA **classificou o ataque ao USS Liberty** — apesar de transcrições da NSA e relatos de sobreviventes provarem que o ataque foi deliberado — agências americanas na década de 1970 suprimiram investigações sobre a NUMEC. A **Comissão de Energia Atômica**, o **FBI** e a **CIA** foram todos pressionados a minimizar o envolvimento de Israel. Eitan continuou a ocupar cargos seniores na inteligência israelense, nunca questionado pelas autoridades americanas.

USS Liberty e NUMEC: Casos Paralelos de Imunidade

Em 8 de junho de 1967, durante a Guerra dos Seis Dias, caças e lanchas torpedeiras israelenses atacaram o **USS Liberty**, um navio de inteligência americano claramente marcado em águas internacionais. Trinta e quatro americanos foram mortos. Sobreviventes, comunicações interceptadas e relatórios posteriores confirmam que Israel sabia que estava atacando um navio americano. No entanto, para preservar a aliança EUA-Israel, o incidente foi **declarado um “acidente trágico”** e rapidamente encoberto.

A NUMEC seguiu o mesmo roteiro: evidências circunstanciais claras, negações de Israel, silêncio do governo dos EUA e nenhuma responsabilidade. Em ambos os casos, a verdade

foi sacrificada por uma “parceria estratégica”.

Negação e as Consequências Globais

A recusa de Israel em admitir seu arsena nuclear tem amplas consequências. Ela desestabiliza o Oriente Médio ao incentivar adversários como o **Irã** a buscar seus próprios meios de dissuasão. Também permite que Israel **dite a política de não proliferação** enquanto opera completamente fora do quadro do TNP.

Além disso, críticas à política nuclear de Israel são frequentemente rejeitadas como antisemitas sob as **definições da IHRA**, silenciando investigações legítimas e denúncias. O resultado é um estado armado nuclearmente que opera sem inspeções, sem responsabilidade e com total imunidade diplomática.

Conclusão: O Crime Impune que Moldou uma Região

Em 1º de julho de 2025, o roubo de urânio americano e o encobrimento do **caso NUMEC** permanecem sem resolução. O mesmo acontece com o ataque ao **USS Liberty**. Ambos refletem uma verdade mais profunda: quando as ações de Israel entram em conflito com a lei ou os valores americanos, Washington frequentemente escolhe o silêncio em vez da justiça.

O roubo de urânio não era apenas viável — foi executado e ignorado. A radiação era fraca demais para ser detectada, os custos políticos de um confronto eram altos demais. Israel construiu um arsena clandestino com material roubado, e o mundo — especialmente os Estados Unidos — optou por desviar o olhar.

Esse silêncio não é apenas cumplicidade. É política.